

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



O CASTELO DE ALMEIDA: ORIGEM MEDIEVAL, REFORMAS MANUELINAS E REUTILIZAÇÃO MODERNA. BALANÇO DE UM PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO E VALORIZAÇÃO ARQUEOLÓGICA

André Teixeira / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa / Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores/ texa@fcsh.unl.pt

Luís Serrão Gil / Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores

RESUMO

O castelo de Almeida terá sido o espaço fundador da vila e o seu centro político-militar até finais da Idade Média, permanecendo como armazém de material de guerra da praça-forte seiscentista até inícios do século XIX, quando uma enorme explosão o arruinou. Tendo uma origem medieval, a fortificação é também um dos melhores exemplares em Portugal da arquitectura militar de transição. Pouco foi, porém, o contributo da arqueologia para o seu estudo e valorização, facto que levou ao surgimento do projecto cujos resultados aqui se sintetizam (2007-2012). Os trabalhos permitiram incrementar o conhecimento sobre a evolução da configuração interna do recinto no flanco Norte e Este, que havia sido intervencionado pela DGEMN, bem como das suas ocupações medievais e modernas.

ABSTRACT

The castle of Almeida may have been the founding place of this village and its political centre until the end of medieval age. From the 17th until the beginning of the 19th century, it remained as arsenal storage, when a huge explosion destroyed it. Having a medieval origin, the fortress is also one of the best examples in Portugal of the so called transition style in European military architecture. However, since archaeology's contribute to its study and valorisation was almost inexistent, we have decided to develop this new project, which results are presented here (2007-2012). This work allowed a better knowledge on the evolution of the internal configuration of the North and East wings of the perimeter (an area already intervened by DGEMN) as well as its medieval and modern occupation.

1. INTRODUÇÃO

O castelo de Almeida terá sido o espaço fundador da vila, o local de assentamento do primeiro núcleo de povoadores e o centro do poder político-militar até finais da Idade Média. Tendo uma origem medieval, é também um dos melhores exemplares em Portugal continental de fortificação de finais do século XV e inícios da centúria seguinte, a denominada «arquitectura militar de transição», na qual se procurou adaptar os velhos recintos defensivos aos novos desafios da arte da guerra; nesta época foi cons-

truída uma barbacã pontuada por quatro cubelos ultra-semicirculares, sob as ordens de mestre-de-obras Francisco Danzilho. O castelo permaneceu depois como um elemento importante do aglomerado, sobretudo como local de armazenamento de armas e munições. Após a enorme tempestade de 1695, quando um raio caído numa das torres que servia de paiol causou enorme explosão, a fortificação perdeu a sua muralha interna de origem medieval, sendo apenas refeita a barbacã. Finalmente, em 1810, no âmbito da terceira invasão francesa a Portugal, uma bombarda dos sitiantes fez explodir

as munições que se encontravam guardadas no recinto, condenando-o à destruição (Carvalho, 2006; Teixeira *et alli.*, no prelo).

O castelo é Monumento Nacional, a par das muralhas abaluartadas da praça-forte, erguidas após a Restauração de 1640 e continuamente reformadas ao longo dos séculos XVII a XVIII¹ (Conceição, 2002; Quinta, 2008). Contudo, ao contrário destas, encontra-se hoje em ruína, não tendo sido até há pouco objecto de estudos aprofundados, nomeadamente de carácter arqueológico, permanecendo igualmente como um elemento pouco valorizado desta vila histórica. Durante o século XX foi sujeito a intervenções por parte da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) que, embora consolidando o remanescente arquitectónico, foram assaz lesivas para o seu património arqueológico, com amplas remoções de terras a serem realizadas sem preocupação estratigráfica. Parte das estruturas arqueológicas detectadas no interior do recinto foram também deixadas ao ar livre.

Estes factos levaram ao surgimento do projecto «O Castelo de Almeida: origem medieval, reformas manuelinas e reutilização moderna» (2009-2011), integrado no Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos, seguindo-se a uma campanha de sondagens de diagnóstico (2007) (Teixeira, 2008, p. 44-55)². São os resultados destes trabalhos arqueológicos que aqui se abordam, incluindo-se também dados da campanha de 2012. A estratégia da intervenção deu clara prioridade à limpeza, registo e interpretação das estruturas a descoberto deixadas pelas referidas intervenções da DGEMN, ao invés de abrir novas áreas de escavação. Assim, os trabalhos arqueológi-

1. Dec. nº14985, DG28 de 03/02/1928; Dec. nº28536, DG66 de 22/03/1038; ZEP, DG97 de 24/04/1962.

2. Agradece-se a participação nas campanhas arqueológicas dos estudantes da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, bem como voluntários locais empenhados na história da sua terra. Uma palavra também para os colegas do Centro de História de Além-Mar que participaram nos trabalhos, bem como ao João Coelho, que voluntariamente fez a conservação de parte dos materiais arqueológicos recuperados. Reconhecimento igualmente à Câmara Municipal de Almeida, na pessoa do seu presidente, pelo apoio dado ao projecto, bem como ao António Almeida, engenheiro topógrafo da autarquia, que realizou anualmente os levantamentos base de alguns dos desenhos aqui apresentados.

cos incidiram fundamentalmente na zona Norte/ Este do castelo. Com esse intuito efectuou-se a limpeza superficial e registo de todas as estruturas junto à torre ultra-semicircular Este, realizando-se três sondagens em espaços intersticiais e ainda a limpeza, registo e escavação superficial de todo o sector Norte, aquele que apresentava à superfície o maior conjunto de estruturas, efectuando-se duas pequenas sondagens (Figura 1).

2. TORRE ULTRA-SEMICIRCULAR ESTE

O trabalho de limpeza de estruturas no sector junto à torre ultra-semicircular Este do castelo consistiu essencialmente na remoção de escasso sedimento húmido e solto, contendo espólio indiferenciado ou de várias épocas, embora sobretudo de inícios do século XIX e de meados da centúria seguinte (Figura 2).

Por um lado, reconheceu-se um volume quadrangular, do qual se conservam três paramentos, sobrepostos ou encostados ao afloramento rochoso talhado propositadamente para a sua implantação (estrutura 2, Figura 3). Os silhares estão bem aparelhados e compõem-se de grandes blocos de pedra regulares bem talhados, unidos por escassa argamassa conservada; pontualmente estes blocos estão fracturados, resultado provável de explosão. O seu perfil foi revelado essencialmente na sondagem Q5/6, que analisaremos adiante: as fiadas superiores estão sucessivamente recuadas face às inferiores cerca de 2 a 5 cm, conformando uma estrutura de tendência piramidal. Esta preserva-se em cota superior no paramento SE (nos Q12 e Q13), progressivamente inferior quanto mais para Norte do paramento NE (no Q5) e novamente superior no Q21. No cerne da estrutura resta apenas o afloramento rochoso, por vezes em desagregação (sobretudo no lado Oeste), bem como pequenas pedras fincadas entre os seus interstícios e os referidos paramentos. Corresponde certamente à base da torre quadrangular Este do castelo medieval, representada na planta de Duarte de Armas de 1509 (Castelo Branco, 1997, fl.128v), destruída na referida explosão de 1695.

Por outro lado, registou-se um muro com orientação sensivelmente Norte/Sul nos Q13, Q12 e Q5, inflectindo neste último para Oeste, desaparecendo na intersecção com o Q21 (estrutura 1, Figura 4). O primeiro troço é medianamente aparelhado, com 90 cm de espessura média, limitado e sustentado por alguns blocos de pedra de grande dimensão, relativamente

talhados nas extremidades, interligados no seu interior por pedras de pequena dimensão e argamassa. Do segundo troço resta apenas a fiada de base, bem aparelhada, com grandes blocos de pedra a servir de paramento e pequenas pedras de enchimento, com 120cm de espessura média. A estrutura assenta no afloramento rochoso no Q13 e sobre a mencionada torre medieval nos Q12 e Q5. Deverá corresponder a um dos compartimentos de armazenamento de munições construídos após a destruição geral do castelo em 1695, conforme a planta de José Hermosilla, de 1762 (Carvalho, 2006, p.93). A sua destruição ocorreu certamente, como o remanescente do demais castelo, aquando da terceira invasão francesa, em 1810. Finalmente foi detectado um grande volume de pedras, dispostas com orientação NO-SE, relativamente bem aparelhadas no paramento SO, mas sem estruturação consistente nos demais flancos e com cerne composto por pedras de pequena a grande dimensão dispostas muito aleatoriamente. A denominada estrutura 3, detectada nos Q3, Q4 e, sobretudo, Q5 e Q6, contorna interiormente o parapeito da muralha do castelo, reconstruído pela DGEMN no século XX, tanto no pano Norte, como na torre ultra-semicircular Este. Termina a NO sem qualquer aparelhamento, como se observou na intervenção do Q26. As escavações realizadas permitiram aferir que se trata de uma construção de época contemporânea, cuja edificação perturbou grandemente os contextos mais antigos neste sector.

Com efeito, a correcta compreensão destas três estruturas foi consideravelmente auxiliada pela realização da sondagem Q5/6, inserida no seu espaço intersticial (Figura 5). A sucessão estratigráfica permitiu estabelecer a seguinte relação: a C6 é a vala de fundação da torre medieval deste sector do castelo (a estrutura 2), não tendo sido possível datá-la devido à inexistência de espólio arqueológico³. A C5 deverá reportar-se a entulhos de época medieval provavelmente aqui colocados aquando da obra de remodelação do castelo realizada em início do século XVI por Francisco Danzillo, construindo-se nessa data a barbacã e o cubelo ultra-semicircular. A C4B poderá ser o piso da utilização desta zona nos séculos XVI e XVII, até à explosão de 1695. Já a C3 deverá reportar-se às reformulações operadas depois desta data, nomeadamente aquando da

construção dos citados compartimentos de armazenamento figurados por Hermosilla (estrutura 1), sobrepondo a torre medieval, contendo no entanto espólio medieval. Finalmente, a C2 é uma vala realizada em estratos anteriores para implantação da estrutura 3, já no século XX.

Já a sondagem 6/7 visou compreender a própria torre ultra-semicircular Este do castelo (Figura 6). Assim, os vários estratos denominados por C1 referem-se à colmatação de uma vala aberta na metade Sul da torre, provavelmente aquando das obras de restauro da DGEMN. As camadas classificadas como C2 deverão corresponder a uma perturbação também de época contemporânea, eventualmente os mesmos trabalhos do século XX, que culminaram no reperfilamento do coroamento da torre (a estrutura 3). Seguem-se a C3 e a C4, com espólio pertencente a deposição dos finais da Idade Moderna, talvez coincidente com a renovação desta torre nos inícios do século XVIII. Já a C5 articula-se com os vestígios de um paramento de muro rectilíneo (estrutura 4), orientado sensivelmente Nordeste-Sudoeste, provavelmente os restos de uma das habitações destruídas nos inícios do século XVI para implantação da barbacã, tal como figurado por Duarte de Armas (Castelo Branco, 1997, fl.128v) (Figura 7).

Por fim, a sondagem 21/26 destinou-se a verificar a continuidade para Oeste das estruturas 1 e 2, sobretudo esta última (Figura 8). De facto, os vestígios da torre medieval encontravam-se em cota inferior neste sector, obrigando à realização de escavações mais profundas. Os estratos identificados como C1 pertencem a deposição recente e à colmatação de uma vala aberta aquando das campanhas de trabalho neste local da DGEMN para implantação da estrutura 3. Esta acção amputou o canto Norte da torre medieval (estrutura 2), que ainda assim se conservou em cota inferior. Já a C2 deverá corresponder à época de desactivação desta mesma torre, na sequência da tempestade de 1695 e construção dos compartimentos de armazenamento registados na citada planta de 1762, a denominada estrutura 1. Esta deveria sobrepor o afloramento rochoso neste Q21, mas a escassa potência sedimentar conservada impediu a sua preservação.

3. O SECTOR NORTE

Na área compreendida entre os Q30 e Q38 fez-se inicialmente a remoção do escassíssimo sedimento que cobria a grande quantidade de estruturas à vista nes-

3. A análise de datação por radiocarbono do único fragmento de carvão exumado neste estrato foi inconclusiva.

te sector, humoso e solto, com espólio arqueológico raro e indistinto, resultante de acumulação posterior à intervenção da DGEMN no século XX (Figura 9). O registo em planta foi uma primeira tentativa de interpretação, objectivo que se viu relativamente gorado, dado que os muros afloram mal aparelhados e desconexos, quase parecendo resultar de uma remontagem recente, talvez aquando das citadas obras da DGEMN. Apenas um grande lanço com orientação sensivelmente NO-SE, bastante bem aparelhado com grandes blocos pétreos, mas conservando-se apenas numa fiada (estrutura 5), pode ser associado a um dos compartimentos erguidos no castelo no século XVIII, neste caso não logo após a tempestade de 1695, mas aquando das obras pombalinas no recinto, implantando-se junto à respectiva porta (Carvalho, 1988, p. 283 e 296-97). As sondagens realizadas no Q35/30 e no Q38 foram inconclusivas, dada a quase ausência de material arqueológico.

Já depois do término deste projecto, fez-se o mesmo tipo de trabalho de limpeza na área correspondente aos Q39 a Q47 (Figura 10). Por um lado, registou-se o paramento inferior da torre de menagem do castelo, circunscrito a duas fiadas de blocos pétreos, sendo o superior recuado face ao superior, permitindo antever uma base escalonada; na face externa observaram-se siglas de canteiro. Não obstante o assinalável grau de destruição, que reduziu a centímetros os 23m de altura medidos por Duarte de Armas nos inícios do século XVI (Castelo Branco, 1997, fl.128v), a implantação da estrutura e as suas características construtivas permitem identifica-la com esta torre principal da fortificação medieval.

Por outro lado, detectou-se um muro com cerca de 90 cm de espessura, sobrepondo uma boa parte do paramento da torre de menagem. Um primeiro troço arranca da muralha do castelo, estendendo-se por cerca de 7m com orientação Oeste-Este; um segundo segmento inflecte para Sul, alongando-se uns 14m. Este último sobrepõe a referida estrutura medieval, ao passo que o primeiro assenta em sedimento rosado, colocado propositadamente para colmatação e nivelamento da área após a destruição de 1695. Conformou-se, assim, um compartimento quadrangular encostado à cortina Oeste do castelo, muito próximo do local onde esta entroncava com a torre ultra-semicircular Norte. Confrontando os dados da escavação com a mencionada planta de José Hermsilla resulta evidente que estas estruturas detectadas a Nascente correspondem aos alicerces dos mencionados armazéns

de apetrechos militares e as identificadas a Norte à base da casa da armaria, edifícios erguidos após a destruição geral do castelo de 1695.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos arqueológicos realizados no castelo de Almeida entre 2007 e 2012, embora limitados no tempo e nos meios, foram globalmente positivos do ponto de vista do conhecimento científico e da salvaguarda patrimonial.

Por um lado, têm-se acrescentado paulatinamente dados importantes sobre as diversas ocupações e configurações deste sítio arqueológico, embora circunscritos pelo facto da nossa opção ter recaído em reescavar sectores intervencionados aquando das obras da DGEMN. Da época medieval destaca-se o reconhecimento da base da torre quadrangular Este do recinto e da torre de menagem, elementos que se vêm juntar ao poço existente no pátio central como testemunhos mais antigos da ocupação do espaço, cuja data de fundação se desconhece. As obras manuelinas deixaram sobretudo o seu testemunho na destruição de uma habitação existente no local onde se veio a erguer o fosso e a barbacã, bem como materiais arqueológicos relacionados com a vida militar e económica da vila. A reutilização do sítio na época moderna como local de armazenamento de armas e munições ficou registada arqueologicamente numa série de compartimentos erguidos no seu interior após a tempestade de 1695, uma época de profunda reformulação do espaço, exumando-se também materiais cerâmicos coevos. A explosão de 1810, na terceira invasão francesa a Portugal, foi a responsável pela ruína do conjunto, deixando os seus traços nos inúmeros projecteis de artilharia à superfície. Finalmente, as intervenções da DGEMN perturbam aqui e acolá todo este registo arqueológico.

Por outro lado, os trabalhos deste projecto permitiram o registo de toda a informação disponível, sobretudo ao nível das estruturas, mas também dos estratos arqueológicos preservados, garantindo-se as condições necessárias à correcta conservação do monumento. Diríamos que sem este trabalho teria sido impossível perspectivar um plano para a salvaguarda das estruturas deixadas à vista pelas intervenções anteriores, trabalhos que podem a partir de agora ser gizados com maior conhecimento do sítio, a fim de alterar decisivamente o estado a que o monumento tem estado votado nas últimas décadas.

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, J. V. de (1988) – *Almeida – Subsídios para a sua História*. 2ª edição, Almeida: Câmara Municipal de Almeida, 2 vols..

CARVALHO, J. V. de (2006) – *O Castelo de Almeida. Origem, história e destruição. Controvérsias*. 2ª edição, Almeida: Câmara Municipal de Almeida.

CASTELO BRANCO, M. da S., ed. (1997) – *Livro das fortalezas*. 2ª edição, Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo / Edições Inapa.

CONCEIÇÃO, M. T. da (2002) – *Da vila cercada à praça de guerra: formação do espaço urbano em Almeida, séculos XVI-XVIII*. Lisboa: Livros Horizonte.

QUINTA, A. L. (2008) – *A fortaleza de Almeida: uma perspectiva arquitectónica*. Almeida: Câmara Municipal de Almeida.

TEIXEIRA, A. (2008) – *Sondagens arqueológicas no castelo de Almeida e envolvente: síntese de resultados (2007)*. CEAMA. *Centro de Estudos de Arquitectura Militar de Almeida*. Almeida. 2, p. 44-55.

TEIXEIRA, André; GIL, Luís Serrão; NEVES, César Augusto; COSTA, Teresa (2013) – *O Castelo de Almeida: arqueologia de um espaço de guerra multissecular. Catálogo da exposição*. Almeida: Câmara Municipal de Almeida.

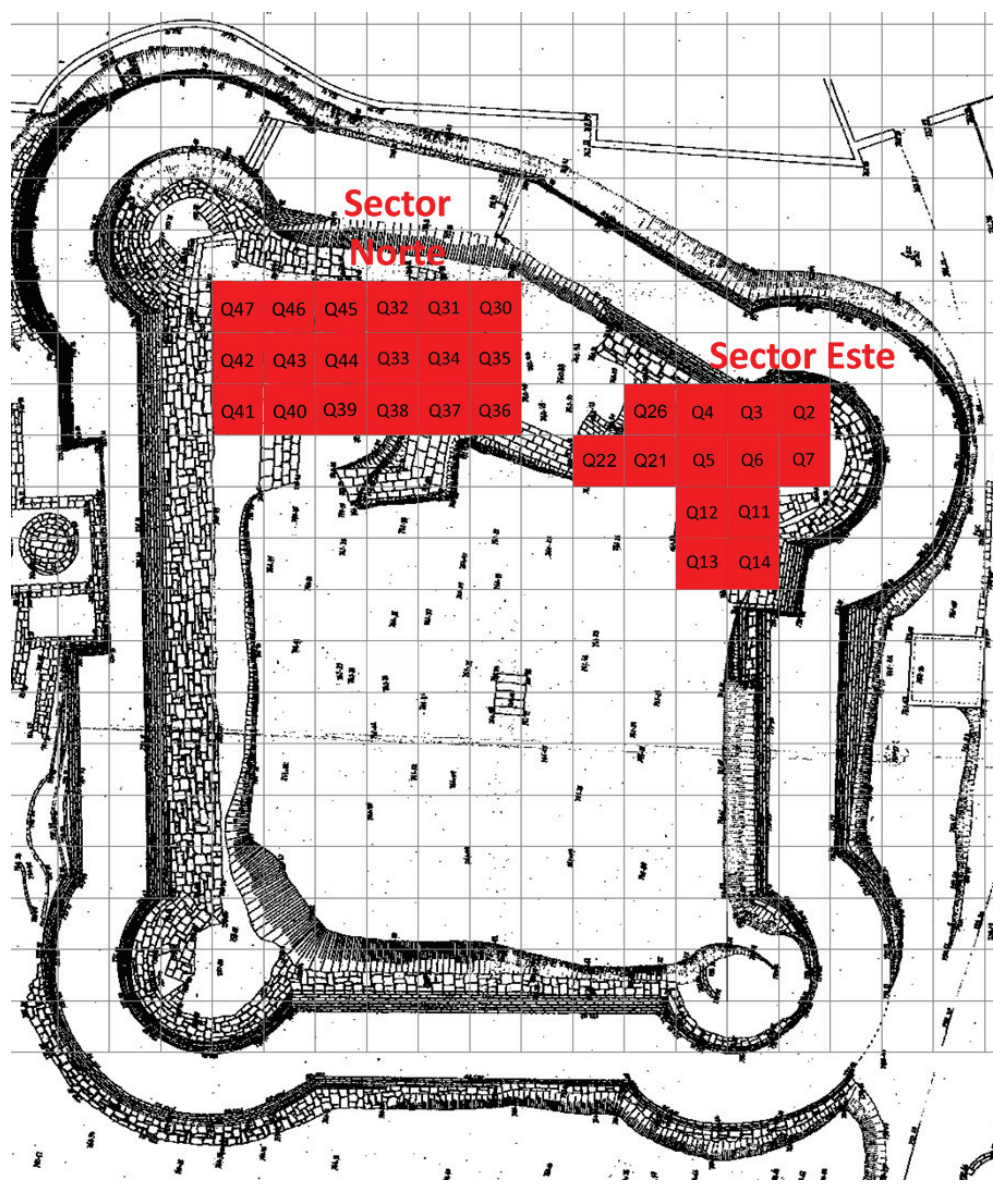


Figura 1 – Área de escavação

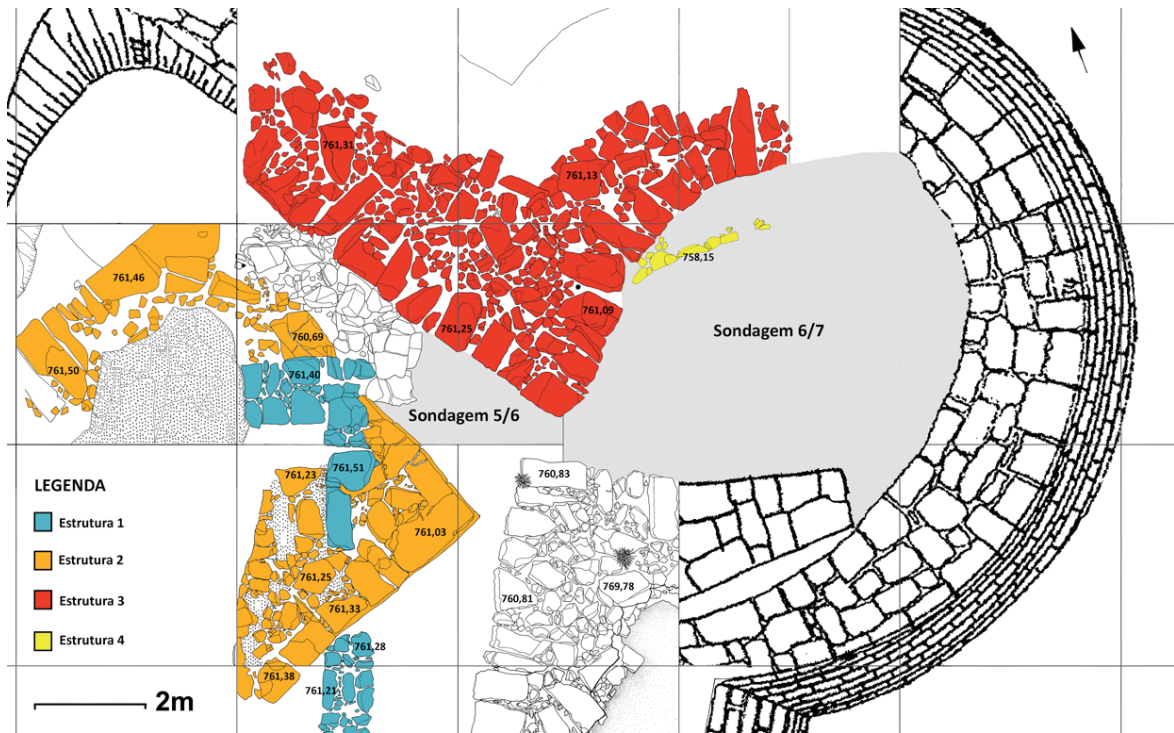


Figura 2 –Planta das estruturas no sector Este do castelo.



Figura 3 –Torre medieval Este.



Figura 4 – Muro de armazém Setecentista sobre a torre medieval Este.

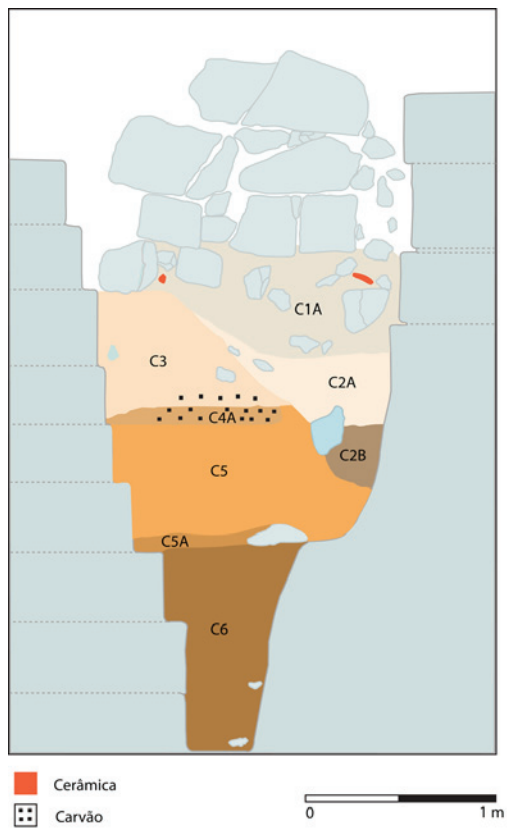


Figura 5 – Perfil Oeste da sondagem 5/6.

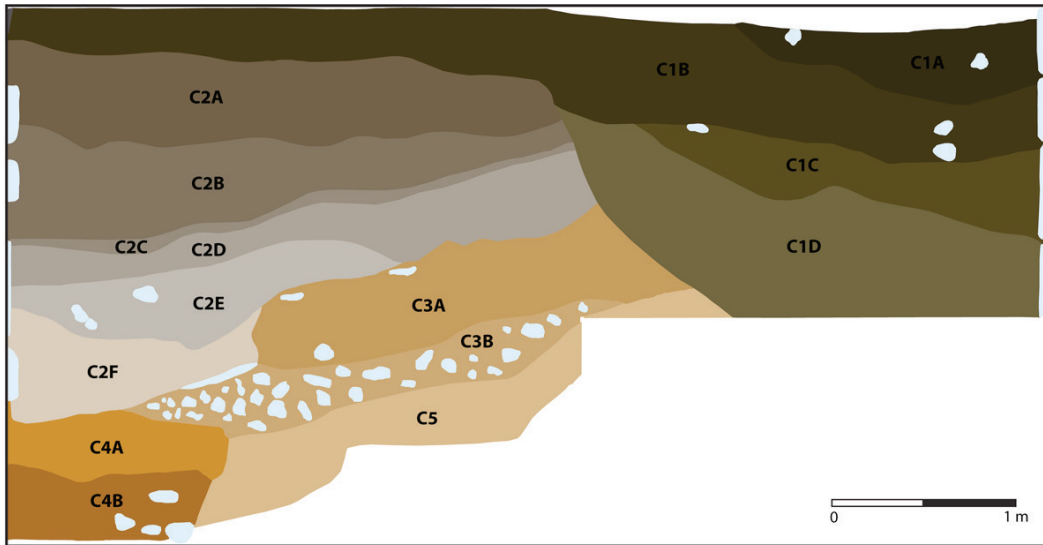


Figura 6 – Perfil longitudinal da sondagem 6/7.



Figura 7 – Estrutura 4, na base da torre ultra-semicircular Este.

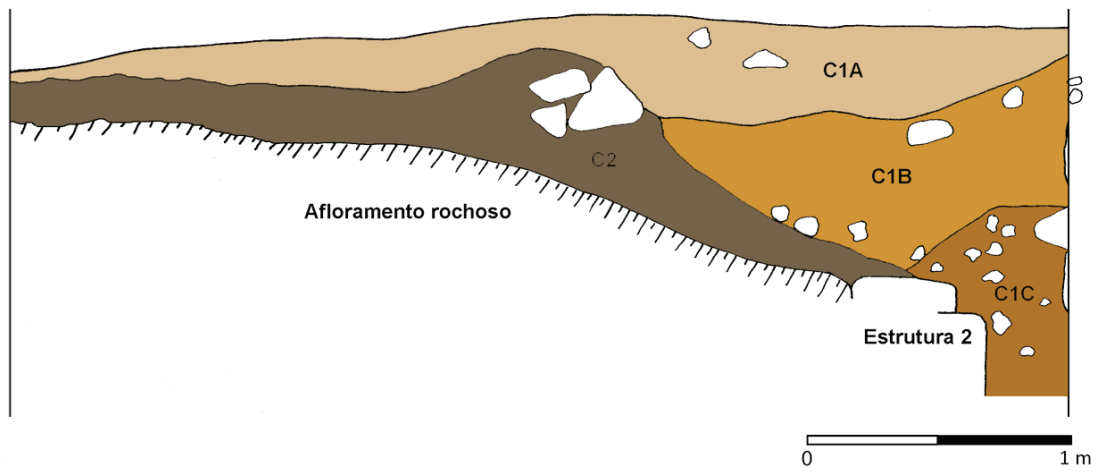


Figura 8 – Perfil Norte da sondagem 21/26.



Figura 9 – Planta do sector Norte do castelo.



Figura 10 –Muro de armazém Setecentista Norte sobre a torre de menagem medieval.



AAP
 ASSOCIAÇÃO
 DOS ARQUEÓLOGOS
 PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDAÇÃO
Millennium
 bcp

BNP
 BIBLIOTECA
 NACIONAL
 DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
 PORTUGAL


 Parques de Sintra
 Monte da Lua